



Seminário Internacional de los espacios de frontera  
V GEOFRONTERAS  
"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"  
Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

## USO COMUM DA TERRA NA CRIAÇÃO DE PORCOS PELA POPULAÇÃO CABOCLA EM UMA REGIÃO DE FRONTEIRA: DÉCADAS DE 1920 A 1950

ALCEU CASSARO CLÓVIS<sup>51</sup>  
GERSON JUNIOR NAIBO<sup>52</sup>  
MARLON BRANDT<sup>53</sup>

### RESUMO

O presente trabalho analisa a criação de porcos soltos em meio à floresta pelas populações caboclas do Oeste Catarinense entre as décadas de 1920 e 1950, abordando as relações transfronteiriças Brasil e Argentina, bem como as alterações nas formas de uso da terra durante e após a colonização por teuto e ítalo-brasileiros. Baseados em revisões de literatura e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE buscamos exprimir que a suinocultura praticada na região passa por uma mudança nas formas de criação e no foco (do consumo ao comércio), em decorrência dos já citados processos de colonização.

Aos caboclos<sup>54</sup> da região, a facilidade de criação do gado suíno, adaptável ao terreno e à mata, e a abundância de erva-mate (*Ilex paraguariensis*) para extração configuraram estas culturas como seus alicerces econômicos. Embora a suinocultura praticada tivesse seu propósito voltado ao consumo interno e comércio regional, a atividade extrativa praticada voltava-se ao comércio de maior abrangência, em especial com comerciantes argentinos, seu principal mercado consumidor (Poli, 1995).

A paisagem do Oeste Catarinense durante as primeiras décadas do século XX era dominada pela Floresta Ombrófila Mista, Floresta Estacional Decidual e manchas de campos, em terrenos irregulares e acidentados, e que, com os processos de colonização na região, passam por transformações. Considerando isto, utilizamos como categoria de análise a paisagem, que, para Monbeig (2004), é a materialização das técnicas agrícolas e/ou industriais e da estrutura econômica e/ou social, ou seja, reflexo de uma civilização, e que, para Santos (2017, p.103), “[...] é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza [...]”.

O trabalho encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte realizamos uma contextualização histórico-geográfica da formação territorial do Oeste de Santa Catarina. Na segunda seção, refletimos acerca da chegada dos primeiros imigrantes e o

<sup>51</sup> Alceu Cassaro Clóvis. Bolsista FAPESC/UFFS, subprojeto de pesquisa “Suinocultura e transformação da paisagem no município de Chapecó, Santa Catarina (décadas de 1920 a 1950)”, edital nº 1010/GR/UFFS/2018. E-mail: clovis.cassaro@estudante.uffs.edu.br

<sup>52</sup> Gerson Junior Naibo. Bolsista do CNPq, integrante do projeto de pesquisa “Suinocultura e transformação da paisagem no município de Chapecó, Santa Catarina (décadas de 1920 a 1950)”, edital nº 490/GR/UFFS/2018. E-mail: gersonjrnaibo@outlook.com

<sup>53</sup> Marlon Brandt. Professor do Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. E-mail: marlon.brandt@uffs.edu.br

<sup>54</sup> Segundo Machado (2007), os caboclos eram habitantes pobres do meio rural, embora não seja regra, mas, em geral, o caboclo era mestiço e na maioria das vezes negro, mas também existiam brancos caboclos.



**Seminario Internacional de los espacios de frontera  
V GEOFRONTERAS**

*"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"*

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

processo de colonização e, em seguida, comentamos sobre o uso da terra em espaços de fronteiras, bem como a produção de porcos “à solta” e o extrativismo da erva -mate, por fim, apresentamos as considerações (não) finais.

## O OESTE CATARINENSE E OS CABOCLOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Desde o século XIX, a região Oeste de Santa Catarina foi alvo de disputas pelo seu controle territorial, inclusive, entre Argentina e Brasil na Questão de Palmas (1890-1895). Durante todo o século XX, a região passou por diversos processos de reconfiguração político-territorial, em especial após o ano de 1917, com o encerramento da Guerra do Contestado (1912-1916) e a consolidação do pertencimento deste território ao estado de Santa Catarina.

A lei nº 1.147, de 25 de agosto de 1917, criou os municípios de Cruzeiro do Sul e Chapecó (além de Porto União e Mafra, na porção norte), que ocupavam toda a atual região Oeste de Santa Catarina, sendo que, este último, à época, ocupava todo o extremo oeste do estado, compreendendo a região fronteira entre Brasil e Argentina.

A região era povoada por comunidades indígenas e caboclas, esta última a qual nos ateremos. Os caboclos possuíam um estilo de vida tradicional e dependente da terra, praticando agricultura de subsistência e pecuária extensiva.

Segundo Poli (1995), a presença cabocla na região remonta às primeiras expedições de tropas pela estrada que ligava a região das Missões (Noroeste do Rio Grande do Sul) à Palmas (Sudoeste do Paraná), que, ao longo de seu trajeto, acabava por formar fazendas e vilas, principalmente nos locais de pousos das tropas. Estas regiões desbravadas pelos caboclos também abriram caminho para as empresas colonizadoras nas décadas subsequentes.

O modelo de criação empregado pelos caboclos é conhecido como roça cabocla, composta por duas categorias

de terras, as “de plantar”, onde era praticada agricultura de subsistência, e as “de criar”, consideravelmente maiores e destinadas à criação de animais (Renk, 1995). Esta segunda ainda era dividida em duas subcategorias, o campo aberto, reservados aos bois e cavalos, e a floresta, onde eram criados os porcos. Conforme Lago (1988) a declividade acentuada dos terrenos na região apresentava restrições à criação de bovinos, surgindo, assim, a suinocultura como principal alternativa.

**Imagem 1:** Mapa dos municípios catarinenses criados em 1917



Fonte: (SILVA, 2008, p. 82)

O modelo de criação mais comum era o do “porco alçado” que, de acordo Corrêa (1970), era criado de maneira completamente livre, sua alimentação provinha quase exclusivamente da mata e baseava-se em frutas, brotos e, principalmente, o pinhão. Essa forma de criação extensiva exigia um amplo espaço para criação, com cada animal demandando, segundo Corrêa (1970), cerca de 5 hectares de floresta.

Esta forma de criação era, também, uma prática de conservação da morfologia paisagística destes espaços, pois, de forma semelhante ao apontado por Warren Dean (1996), em relação a Mata Atlântica estudada pelo autor, os porcos também seriam responsáveis pela manutenção e dispersão da vegetação florestal.



Seminário Internacional de los espacios de frontera  
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

Havia também o “porco em safra”, no qual, após a criação no mato, os porcos eram tocados aos milharais (que eram cultivados em cercas) para última engorda antes de ser conduzidos rumo aos locais de comércio (Corrêa, 1970). Desta maneira, enquanto outras culturas como feijão, abóbora e melancia eram utilizadas quase exclusivamente para alimentação, o cultivo de milho também exercia papel de extrema importância pecuária e comercial.

Os caboclos eram posseiros das terras onde habitavam, as quais existiam em regime compartilhado de beneficiamento, um padrão de uso comum da terra, que assemelhava-se e originou-se das práticas europeias, principalmente portuguesas, as quais podem ser percebidas no que tange a criação de animais, no caso o porco alçado (Brandt; Campos, 2008).

Era comum entre os mesmos a não demarcação de terras e territórios por barreiras limítrofes, mas, conforme Poli (1995), por marcações simbólicas, as “picadas”, talhos feitos em árvores ou linhas imaginárias rentes à roça que delimitavam o território dos posseiros. Por consequência, frequentemente indivíduos de diferentes varas perdiam-se em terras alheias, corroborando a necessidade de identificação dos animais, tradicionalmente feita com diferentes cortes na orelha ou rabo, no caso dos porcos (Brandt, 2015).

Como apontam Brandt e Campos (2008), também eram comuns atividades coletivas de cooperação no trabalho agrícola como o mutirão (ou ainda, puxirão, como era conhecido na região), que mobilizava grande contingente de mão de obra, composta de amigos, familiares e vizinhos de maneira geral, para a execução de tarefas em suas mais diversas aplicações, sendo bastante comum para

práticas a serem realizadas de maneira rápida, como plantio e colheita. Como recompensa, tradicionalmente, o dono do mutirão servia um almoço ou janta, em alguns casos seguidos por uma festa, aos que auxiliassem nas atividades propostas, além de uma intrínseca obrigação moral em auxiliar nos mutirões que estes viessem a solicitar (Caldeira, 1956).

## COLONIZAÇÃO E RUPTURAS

Desde a sua criação, o Oeste passou por diversos processos de colonização, por vezes incentivados pelo governo catarinense e protagonizados por imigrantes riograndenses descendentes de europeus (Piazza, 1998). Na área em questão são notáveis as ações das companhias colonizadoras associadas à indústria madeireira (Werlang, 1995).

A principal alteração no *status quo* atribuída à colonização, a qual pode também ser entendida como a causa primeira das demais, foi a apropriação privada da terra, concedida pelo governo federal às companhias em troca de estradas, que expulsou os posseiros das áreas onde habitavam e as distribuiu aos novos sítiantes da região (Werlang, 1995).

Em decorrência da apropriação de terras, as florestas, onde eram criados os porcos alçados, passam a ser devastadas para a abertura de lavouras, como pode ser observado na Tabela 1, que apresenta o crescimento das áreas de lavoura em Chapecó.

A introdução de um novo contingente populacional trouxe contato entre diferentes concepções de vida e de formas de uso e acesso à terra, exacerbados pelas diferenças étnicas entre as populações e o distanciamento de suas culturas. As práticas caboclas de produção agropecuária eram vistas com



Seminário Internacional de los espacios de frontera  
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

maus olhos pelos imigrantes descendentes de italianos e alemães, principalmente a presença dos suínos criados livres em suas cercanias, o que, aos proprietários das colonizadoras, significava perda de lucros pela desvalorização da terra em locais onde ocorriam, gerando atritos entre os mesmos (Renk, 1995).

**Tabela 1:** Evolução da área das lavouras em Chapecó (1920-1950)

Ano <sup>55</sup>	1920	1940	1950
Área das lavouras (ha)	584	20.081	74.468

Fonte: Tabela elaborada com base nos censos do IBGE

Havia uma incompatibilidade no uso da terra, uma dualidade entre o modelo caboclo e o italiano, entre safra e colônia<sup>56</sup>, colaborando para a expulsão dessas populações para as periferias, reforçadas pelas empresas colonizadoras que pretendiam intensificar o povoamento da região (Renk, 1995; Ferrari, 2010).

O corolário dessas situações foi a desestruturação do modo de produção (e vida) cabocla. Com a diminuição da mata que abarcava as principais fontes de alimento para os suínos e a competição por espaço onde os mesmos eram criados, o modelo de suinocultura "à solta" entra em declínio.

Esta crise foi intensificada com a inserção da produção agroindustrial na região, iniciada na década de 1940, que introduziu novas normas, técnicas e padrões aos criadores locais. Os porcos criados pelos caboclos eram de variedades rústicas, adaptadas ao manejo da população e que possuíam uma grande taxa de gordura, diferente dos animais que passaram a ser

introduzidos e adotados pelos colonos e pelos moradores que se integraram a nova lógica de produção. Com a formação das empresas que mais tarde dariam origem às principais agroindústrias da região, o padrão de consumo se altera da banha para a carne de porco, tornando o modo de criação cabocla inviável para o comércio (Moretto; Brandt, 2019), com isso "[...] a população posseira, despojada de suas terras e dos espaços onde era possível o uso da terra em comum, acabou sendo forçada a optar entre dois caminhos: a inserção na nova lógica econômica, como agregados ou assalariados em alguma serraria, ou a busca de novas terras, cada vez mais distantes, onde pudessem se apossar de uma porção e permanecer com o costume da criação à solta" (Brandt, 2015: p. 316).

## RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS E OS ERVAIS

O Oeste Catarinense sempre possuiu forte relação com a erva-mate e sua exploração sendo ela, como aponta Poli (1995), o principal fator de atração que levou os povos imigrantes, tanto argentinos quanto luso-brasileiros e seus descendentes, à ocuparem estas terras devolutas. Em especial, como já exposto acima, após a ação das colonizadoras de apropriação privada das terras em posse dos caboclos, a extração tarefaira de erva-mate foi a opção última de sustento e sobrevivência deste povo (Renk, 1995). A extração de erva-mate, nos ervais<sup>57</sup>,

<sup>55</sup> No ano de 1930 não houve censo.

<sup>56</sup> Território administrado por representantes do Estado.

<sup>57</sup> "Os ervais são florestas naturais, onde dominam os pinhos e as espécies brasileiras, tais como a peroba, o imbuia, etc., e onde a vegetação média é formada pelos arbustos do mate. Esse produto se encontra em tal



Seminário Internacional de los espacios de frontera  
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

desempenhou grande papel na absorção de mão de obra da população rural. No período de colheita, geralmente de março a setembro, os ervateiros, em sua maior parte homens, se deslocavam para as regiões de florestas em turmas ou grupos, onde viviam em ranchos ou acampamentos, durante os meses de colheita. As mulheres ficavam na parte da terra onde vivia a família (Carvalho, 2016).

O caráter fronteiriço da região, com circuitos econômicos consideravelmente integrados, aumentava as chances de prosperidade, não somente pelos mercados consumidores além da divisa, como também pelas relações laborais transfronteiriças das ervateiras. Segundo Carvalho: *"A erva-mate cresce numa zona bastante extensa da América meridional. As principais regiões produtivas são: o planalto do Paraná, o Estado de Santa Catarina, o norte do Rio Grande do Sul, o território argentino das Missões e os ervais de São Miguel, Santa Rosa e S. Estanislão, no Paraguai"* (2016: p.215).

Nem mesmo os próprios ervateiros, que ali transitavam diariamente, conseguiam reconhecer onde um país terminava e o outro se iniciava, também pela similaridade de seus traços naturais, mas principalmente por ali ter se formado uma série de relações econômicas e sociais que diminuía o afastamento "estatal" das populações (Ferrari, 2011).

Brasil e a Argentina sempre mantiveram relações próximas no contexto transfronteiriço local, principalmente por algumas questões econômicas, neste caso, a erva-mate ganha evidência e destaque. Já que, parte do mate produzido no Brasil era beneficiado nas

ervateiras da Argentina, sendo esta uma grande consumidora do produto, como afirma Carvalho (2016, p. 222), a *"[...] República Argentina, grande consumidora de mate, também o explora no seu território das Missões, mas em quantidade muito reduzida; ela possui, ao contrário, um grande número de fábricas para beneficiar e preparar o mate importado do Brasil"*.

Conforme Ferrari (2010), após a derrocada do ciclo da erva-mate a criação de porcos toma papel de principal atividade econômica, quase toda população da fronteira os criava ainda sob regime do porco alçado, com os animais circulando livremente entre um país e outro através da fronteira seca. Também isso representava uma forma de socialização e solidariedade, *"quando abatia um porco, por exemplo, era costume doar aos quatro vizinhos mais próximos pelo menos metade do porco carneado"* (Ferrari, 2010, p. 191).

Conduto, o advento do caminhão associado à chegada das agroindústrias que agora processavam os insumos, ampliam a abrangência do mercado consumidor, podendo levar os produtos e os próprios suínos para regiões mais distantes com maior facilidade, especialmente São Paulo, enfraquecendo a integração econômica da fronteira (Ferrari, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reforçamos aqui o importante papel exercido pela suinocultura e extração de erva-mate no desenvolvimento econômico da região tratada, que, embora tenha ocorrido concomitantemente ao longo período estudado, tiveram diferentes períodos de maior produção. A erva-mate possuía maior valor para o comércio em relação

---

*quantidade no estado nativo [...]"*. (Carvalho, 2016, p. 215).



Seminário Internacional de los espacios de frontera  
V GEOFRONTERAS

"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

ao gado suíno, que era comercializado com pequenas fábricas locais, já que as agroindústrias exigiam um tipo de animal que não era produzido pelos caboclos.

A abundância de erva-mate presente na região foi um fator de atração para os ocupantes da região advindos da distribuição de terras feita pelas colonizadoras potencializadas pelo mercado consumidor argentino, o que, conseqüentemente, fez surgir redes de integração econômica entre os países e suas populações.

O modelo de uso comum da terra foi inviabilizado pela nova lógica de apropriação do território, ressignificando as relações que o ser humano travava com o meio e resultando em alterações na paisagem chapecoense, essencialmente, as florestas que marcavam a região passam a ser substituídos por lavouras e pastagens.

## REFERÊNCIAS

BRANDT, Marlon; CAMPOS, Nazareno José. Uso comum da terra e práticas associativistas da população cabocla do planalto catarinense. *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n. 45, p. 43-64, 2008.

BRANDT, Marlon. Criação de porcos "à solta" na Floresta Ombrófila Mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra. *História* (São Paulo. Online), v. 34, p. 303-322, 2015.

CALDEIRA, Clovis. *Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado. *O Brasil meridional: estudo econômico sobre os estados do sul - São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul*. Tradução: Ana Gallotti Mamigonin. Florianópolis: Instituto Ignacio Rangel: GCN CFH UFSC, 2016.

CHANG, Man Yu. *Sistema faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no*

Centro-Sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988.

CORRÊA, Roberto Lobato. O sudoeste paranaense antes da colonização. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 1, ano 32, p. 87-98, jan/mar. 1970.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERRARI, Maristela. *Conflitos e povoamento na fronteira Brasil-Argentina: Dionísio Cerqueira (PR), Barracão (SC) e Bernardo de Irigoyen (Misiones)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

FERRARI, Maristela. *Interação transfronteiriças na zona de fronteira Brasil-Argentina: o extremo de Santa Catarina e Paraná e a província de Misiones (séculos XX e XIX)*. 2011. 445 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LAGO, Paulo Fernando. *Gente da terra catarinense - desenvolvimento e educação ambiental*. Florianópolis: Ufsc/FCC/Lunardelli/Udesc, 1988.

MACHADO, Paulo Pinheiro; AXT, Gunter. (Org.) *O processo de Adeodato: último chefe rebelde do Contestado*. Florianópolis: CEJUR, 2017. 200 p.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MONBEIG, Pierre. Paisagem, espelho de uma civilização. *GEOgraphia*, Niterói, vol. 6, n.11, p. 109-117, 2004.

MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 229 - 254, jan./abr. 2019.

PIAZZA, Walter Fernando. *A colonização de Santa Catarina*. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1998.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e



**Seminário Internacional de los espacios de frontera  
V GEOFRONTERAS**

*"Territorialidades y Sujetos transfronterizos"*

Compiladores: Norma Oviedo, Diana Mabel Arellano y Froilán Fernández

marginalização. In: Centro De Organização Da Memória Sócio-Cultural Do Oeste. Para uma história do Oeste catarinense: 10 anos do CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995. p. 79-111.

RENK, Arlene. A colonização do Oeste Catarinense: as representações dos brasileiros. In: Centro De Organização Da Memória Sócio-Cultural Do Oeste. Para uma história do Oeste Catarinense: 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995. p. 221-258.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 9. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, Fernando João. Divisão político-administrativa do estado de Santa Catarina: do passado ao presente. 2008. 255 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WERLANG, Alceu. O processo de colonização do oeste de Santa Catarina: atuação da Cia. Territorial Sul Brasil. Cadernos do CEOM, Chapecó, v. 9, n. 9, p. 9-46, jun. 1995.